

Apoio estendido a toda a região Hospital de campanha de Lisboa triplica capacidade de resposta

Ana Maia

Dentro de uma semana, o hospital de campanha no Estádio Universitário de Lisboa vai passar a ter 150 camas para receber doentes com covid encaminhados pelos hospitais de Lisboa e arredores. Por aquele espaço já passaram quase 100 doentes e o alargamento da resposta pode passar também por receber doentes que poderiam ir para casa, mas não o podem fazer por falta de condições, além de doentes infectados com o SARS-CoV-2 a precisar de cuidados paliativos.

A capacidade do pavilhão onde agora funciona o hospital de campanha – 58 camas, das quais 23 com oxigenioterapia – nunca foi esgotada. Mas o objectivo é aliviar ainda mais a pressão que recai sobre os hospitais de Lisboa e Vale do Tejo. “Não era o objectivo inicial, mas tudo o que pudermos fazer para aliviar os hospitais é um benefício”, diz ao PÚBLICO o coordenador do hospital de campanha, António Diniz.

Inicialmente pensado em Março de 2020 para dar apoio aos três centros hospitalares de Lisboa, quando finalmente abriu portas, no final de Janeiro deste ano, já estava previsto apoiar também o Amadora-Sintra e Loures. Mas as portas estão abertas a muito mais unidades. “Damos apoio a esses hospitais, ao de Cascais, Garcia de Orta (Almada), Vila Franca de Xira, Barreiro/Montijo. Estamos ao dispor de todos os hospitais da região de Lisboa e Vale do Tejo, desde o Centro

Hospitalar do Oeste a Setúbal”, explica o médico pneumologista, referindo que pelo hospital de campanha “já passaram quase 100 doentes”.

A mudança para o novo pavilhão deve acontecer dentro de uma semana. Aí serão integrados novos médicos, enfermeiros e assistentes operacionais para reforçar as equipas, de forma a ter tudo pronto quando iniciarem funções no novo espaço. “A esmagadora maioria são profissionais dos cuidados de saúde primários e hospitalares, mas também profissionais que estão reformados e outros que estavam fora do sistema.”

“Mudámos o que temos [para o novo pavilhão] porque não podemos correr o risco de dispersar esforços em recursos humanos e equipamentos. O pavilhão que está agora ocupado fica montado e, caso seja preciso reabri-lo para dar apoio, conseguimos fazê-lo em 12 horas”, explica António Diniz. A mudança vai também permitir aumentar o número de camas com oxigenioterapia “para 50, que são as que têm maior procura”.

O hospital de campanha vai contar com o apoio de voluntários. Na última quarta-feira, a Universidade de Lisboa, outro dos parceiros deste projecto, pediu estudantes, professores e funcionários de universidades e técnicos com pelo menos 18 anos e que já tenham sido infectados. Logo nos primeiros dias, mais de 800 pessoas inscreveram-se para serem voluntárias. António Diniz diz que o número é já superior a mil.

